

# NOTICIÁRIO

---

## NECROLOGIO

MARCEL MAUSS (1873-1950).

A *Revista de História* anuncia, com pesar, o falecimento, em fevereiro de 1950, do grande sociólogo francês Marcel Mauss (1873-1950), cujos trabalhos constituem um notável acervo de observações e de estudo. Sobrinho de Durkheim e seu colaborador, foi graças ao trabalho de Mauss que foi possível fazer da revista *Année Sociologique* a riquíssima coleção que ela é. O Prof. Gurvitch, ao dar notícia da morte de Mauss, na *Revue de Métaphysique et de Morale*, lembra muito bem a necessidade de se reunir, para progresso dos estudos sociológicos, as obras do sociólogo que acaba de desaparecer, pois, como ele diz, "a herança intelectual de Marcel Mauss é imensa".

CRUZ COSTA

---

## DEFESA DA TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE SOCIOLOGIA (I) DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PELA LICENCIADA GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA

No dia 20 de junho de 1950 defendeu tese de doutoramento em sociologia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, a Licenciada Gilda Rocha de Mello e Souza, que foi aprovada com distinção; a tese apresentada versava sobre "A moda no século XIX", trabalho de 113 páginas mimeografadas, ilustrado com gravuras e fotografias. Compunham a banca, sob a presidência do Prof. Roger Bastide, da Cadeira de Sociologia (I), os Professores Dr. Fernando de Azevedo, da Cadeira de Sociologia (II); Dr. Alfredo Ellis Jr., da Cadeira de História do Brasil; Dr. João Cruz Costa, da Cadeira de Filosofia, todos da referida Faculdade, e o Dr. Sérgio Milliet, diretor da Biblioteca Municipal, na qualidade de crítico de arte. É esta defesa que passamos a resumir.

Abrindo a sessão, o Professor Roger Bastide deu a palavra ao Dr. Sérgio Milliet, o qual explicou que, como a tese tocava em questões de estética, sua presença na banca estava justificada; assim sendo, limitaria suas perguntas a essa parte. Indaga da candidata até que ponto o gosto do crítico é individual e até que ponto está sujeito às convenções sociais de sua época. — Não haveria, entre os sociólogos, um desconhecimento do ponto de vista estético e um julgamento de questões de arte baseada exclusivamente nos elementos anesté-

ricos? — Como é possível distinguir na linha de evolução que se processa gradualmente, a diferença entre um estilo e outro? — A pg. 12 da tese, numa citação de Lalo, vem a afirmação deste autor de que "a predominância da cor sobre a forma caracteriza a pintura moderna desde os românticos"; pergunta se a candidata concorda ou não, e a justificação de seu ponto de vista.

Com a palavra, a candidata replica que, raramente, as opiniões de um crítico, que vive dentro de determinada época, coincidem com o julgamento de críticos posteriores. As condições do momento e os padrões estéticos em voga afetam de maneira decisiva as suas concepções artísticas, e a atitude de Steinmetz diante da moda do fim do século XIX é bastante característica — já réso ao ideal estético de 1926, que abolia as curvas, era natural que achasse monstruosa a moda curvilínea e super-feminina do fim do século. Hoje, porém, habituados aos dois ideais opostos do corpo feminino, através de estilizações ora de Dior, ora de Fath, podemos apreciar indiferentemente as pesquisas estéticas dessas duas épocas tão diversas.

Quanto à segunda pergunta, não há dúvida que os sociólogos se revelam, em questões de estética, mais ou menos impermeáveis ao valor puramente artístico das obras. O caso de Lalo, por exemplo, que alia o ponto de vista sociológico à compreensão artística, é bastante raro. É verdade que os críticos de arte tendem, por outro lado, a uma hipertrofia do elemento estético, os julgamentos unilaterais, tanto de um lado, como de outro, derivando do fato da estética sociológica ser uma disciplina de fronteira.

As flutuações do gosto influem no julgamento que fazemos sobre as obras de arte, impossibilitando um critério totalmente isento e objetivo; o indivíduo, colocado dentro das mudanças que se processam, não pode perceber com clareza as mudanças de estilo. Para que apreenda nitidamente a feição essencial e característica de um estilo, é preciso que esteja fora do processo, afastado no tempo. Só assim poderá atentar para as mudanças fundamentais, que são as mudanças de linha, desprezando as variações de detalhes que, estas, se efetuam com grande rapidez: pois na arte da vestimenta, o que distingue um estilo de outro é a linha, — e não os detalhes, como colorido, enfeites e acessórios.

Respondendo à pergunta seguinte, declara a candidata não concordar com a afirmação de Lalo a que se refere o examinador, de que a pintura moderna se caracteriza por uma predominância da cor sobre a forma. Impressionismo e cubismo dão a impressão, que sim, desmentida inteiramente pelo exemplo admirável de Cezanne e pelo ecletismo da arte atual. Em relação à vestimenta de hoje, não é exato que ela despreze o colorido, cujos matizes os grandes costureiros renovam a cada estação. O predomínio do preto e do branco na guarda-roupa feminino deriva, não de um abandono da cor, por parte da alta-costura, mas da necessidade da pequena burguesia em harmonizar as imposições da profissão com o desejo de estar bem vestida.

A seguir foi a candidata arguida pelo Prof. Dr. Fernando de Azevedo, que dividiu suas questões em duas partes: questões gerais e questões propriamente sociológicas. Os problemas de ordem geral que julgava necessitarem de esclarecimento eram os seguintes: escreve a examinanda que a vestimenta passa da imobilidade à mobilidade crescente; ora, isto só se dá dentro de um lapso de tempo muito determinado, pois encarada a evolução geral da vestimenta, vemos que mobilidade e imobilidade são caracteres que se sucedem alternadamente de acordo com as diferentes épocas. À página 19, afirma que "a necessidade de facilitar o movimento das pernas e dos braços" veio colocar o problema das juntas móveis, de resolução difícil e até então descurado, e à página 22 data a solução do século XVIII; evidentemente, esquece-se a candidata de como gregos e romanos tinham resolvido o problema, pois chiton, clâmide, toga ou túnica deixavam os membros completamente desembaraçados. — Discorda também o examinador da afirmação de que tenha sido o Diretório o apogeu do exibicionismo do corpo, quando em Roma se faziam trajes de tecidos inteiramente transparentes.

Passando aos problemas de ordem propriamente sociológica, o examinador declara não estar satisfeito com a conceituação de classe média da candidata, que ora confunde esta classe com as camadas súbitamente enriquecidas, ora a identifica com grupos instáveis que temem os desnivelamentos, ora acha que ela surge dos escombros da nobreza. — Parece também não dar a examinanda a devida importância ao dinheiro como elemento efetivo da ascensão na escala social, quando pesa e muito; este é justamente o ponto em que a examinanda acha que se contradizem Balzac e Veblen, o segundo achando que a riqueza se exprime através da moda, enquanto o primeiro mostra como a elegância procura esconder a riqueza. Ora, nota o arguidor que não há contradição, pois um se ocupa de moda, outro de elegância, cousas diferentes. — Lamenta por fim que, tratando das funções da festa, não tenha a candidata distinguido entre os diferentes tipos desta, pois conforme o tipo também diferem, nelas, as distinções de classe.

A candidata responde mantendo seu ponto de vista de que, na arte da vestimenta, houve progressão da imobilidade para a mobilidade. Grécia e Roma não podem servir de pontos de referência por várias razões. Em primeiro lugar, porque a roupa moderna deriva não da toga ou da túnica, mas de uma nova concepção de vestimenta que surge a partir do contacto com os bárbaros do norte, produzindo a roupa medieval; o ponto de partida tem de ser, pois, a Idade Média. Em segundo lugar, nem em Roma, nem na Grécia foi encontrada solução para o problema da mobilidade, que foi escamoteado; se os membros superiores e inferiores estão na plena posse de todos os seus movimentos, não é a roupa que devemos o milagre, mas à nudez. . . A túnica e o chiton terminam onde a dificuldade começa: perto das juntas móveis dos joelhos e dos cotovelos. O problema — cobrir os membros, tolhendo ao mínimo seus movimentos — vai começar a ser resolvido no século XV para as pernas e apenas no século XVIII, para os braços. Ao fiudar o século XIX as roupas permitem movimentos mais amplos e mais livres, para o que contribuiu o advento do esporte.

Quanto à observação de que o Diretório não representa o apogeu do exibicionismo do corpo pois em Roma e na Grécia esse exibicionismo existia, responde a candidata que o apogeu a que se refere diz respeito ao século XIX, como fica bastante claro no início do parágrafo; o Diretório representou justamente uma intenção de retorno à Grécia. A candidata não ignora, portanto, que o exibicionismo a que se refere tivera um correspondente na Grécia.

Detém-se a examinanda nas imprecisões apontadas quanto à conceituação de termos sociológicos; de fato, mas leve-se em conta que sua preocupação não era caracterizar nem definir conceitos, e sim estudar o modo de um ponto de vista sociológico; para classe média, usou a definição de Simmel, que lhe dá como "característica principal, . . . ser expansiva para cima e para baixo". Ora, aspecto tão amplo deve forçosamente deixar lugar para imprecisões. — Referindo-se ao papel do dinheiro na ascensão social, a candidata reconhece sua importância, afirmando, contudo, que não é ele quem integra o indivíduo na classe superior, onde será sempre encarado como um *parvenu*, se não adotar as regras de bom-tom que nela vigoram, se não estiver apoiado em tradições de família. Em sociedades recentes, sem tradição, a posse do dinheiro é realmente um elemento efetivo de subida, mas em sociedades hierarquizadas é apenas um dos elementos e, talvez, não o mais importante. É essa sutileza de apreciação que se reflete nas atitudes opostas de Veblen e de Balzac, em relação à moda. O primeiro, membro de uma sociedade de passado recente, enxerga na moda apenas as distinções econômicas — o luxo; o segundo, representante de uma sociedade tradicional e hierarquizada, na qual o elemento econômico não basta para assegurar a subida, apela para as distinções estéticas — a elegância. Veblen e Balzac se contradizem pois que, analisando o mesmo fenómeno, a moda, encaram seus dois aspectos complementares como termos opostos e antagonicos. Balzac, no "Tratado da vida elegante", afirma

categoricamente ser o luxo a negação da elegância, que deriva não do dinheiro, mas do espirito.

Tendo-se exgotado o tempo, foi a candidata obrigada a abandonar a parte que tratava da festa, passando a ser arguida pelo Professor Cruz Costa. Este a felicita por ter dado, à página 15, a melhor definição de elegância que conhece: "... para que a vestimenta exista como arte, é necessário que entre ela e a pessoa humana se estabeleça aquêlo elo de identidade e de concordância, que é a essência da elegância". Afirma o Prof. Cruz Costa que, na sua opinião, a estética não possui tanta autonomia quanto a candidata lhe reconhece e que não passa de "fumisterie" de filósofos; além do mais, os grandes estetas foram sempre, não os filósofos, mas os artistas. Esta seria sua objecção mais séria — de que a estética não possui autonomia; quanto às outras que poderia fazer, já a candidata as esclareceu, em resposta a arguições anteriores. No capítulo sobre "A cultura feminina", a examinanda aponta a existência de duas morais muito diversas, conforme os sexos; mas, na realidade, estas morais se completam e não devem as diferenças ser tão fortes quanto pode parecer da leitura da tese.

Os papéis estão invertidos, replica a examinanda; à sociologia cabe fazer, agora, a defesa da autonomia da estética, contra as críticas formuladas por um filósofo, — críticas que costumam ser feitas por sociólogos. Num ponto, contudo, concorda a candidata com o examinador: na afirmação de que os grandes estetas são, de preferência os artistas e não os filósofos. Lembra o exemplo de Baudelaire, que formulou alguns dos conceitos mais lúcidos de estética no século XIX, retomando a velha pendência entre o belo natural e o belo artista. É partindo da convicção de que a arte é artifício, é qualquer coisa acrescentada à natureza, é, portanto, uma construção arbitrária do homem, que Baudelaire chega à conclusão, para escândalo de seu amigo Rude, que quanto maior for o exagêro da *maquillage* e da vestimenta, tanto mais bela será a mulher. Mais bela porque menos humana e mais artística; e a arte é superior à natureza. — Quanto ao antagonismo entre homens e mulheres, nítido no século XIX, crê ser produto de condições sociais. A moda hoje — que no século XIX refletira o forte dimorfismo da sociedade — quase iguala a mulher ao homem, com o *tailleur* feminino, réplica do terno masculino. Mas a participação intensa do grupo feminino na vida profissional vai afetando o conceito de masculinidade; o preto restringe-se às roupas de cerimônia e nas roupas de esporte, a principiar pelas gravatas, reinam a côr e o arabesco, o que nos leva a crêr que talvez estejamos no limiar de uma era assexuada, de uma era andrógina, na qual homens e mulheres, empenhados nas mesmas tarefas, pouco se distinguirão na aparência física.

Foi dada, em seguida, a palavra ao prof. Alfredo Ellis Jr., cuja crítica inicial incide sobre o assunto da tese; lamenta que, sendo tantos os problemas brasileiros por estudar, tenha a candidata escolhido um tema geral. — Insurge-se contra a caracterização que dá a candidata dos séculos XVII e XVIII como épocas de cara raspada; lembra que eram justamente a época dos bandeirantes e de Tiradentes. — O aparecimento das calças compridas é situado, na tese, em 1814; no entanto, durante a Revolução Francesa, a burguesia revolucionária usava calças compridas (*pantalons*), distinguindo-se dos adeptos do velho regimen que vestiam calções (*culottes*), de onde o seu apelido de "sans culottes". — E o dimorfismo observado no século XIX seria assim tão nítido, uma vez que as côres sombrias, atribuídas unicamente ao traje masculino, nesse período, dominavam também nas roupas femininas, de acôrdo com as fotografias da época?

Explica a candidata que sua intenção era justamente estudar a evolução da moda brasileira no século XIX; todavia, foi obrigada a abandonar seu intento, dada a deficiência de elementos; tentou suprir esta falha usando a maior quantidade possível de exemplos brasileiros, como se pode verificar da tese. Os séculos XVII e XVIII, mau grado certas variações locais (dos bandeiran-

tes, cujas barbas longas estavam condicionadas à vida rude dos desbravadores, eram épocas de cara raspada, bastando notar que são esses os séculos das perucas e cabeleiras; ora, a moda das cabeleiras por si só afasta a possibilidade de barba, porque cabeleira e barba não se harmonizam, se excluem mutuamente. — Quanto às calças compridas, sua completa aceitação data de 1814. Durante a Revolução Francesa eram apenas emblema dos revolucionários, copiadas dos marinheiros ingleses e, por estes, dos *pantalones* da Comédia del'Arte. — Passando adiante, responde que o dimorfismo do século XIX é bastante nítido e que a coleção de fotografias reproduzidas na tese, o foram no caráter de exceção; tentava a examinanda provar como a oposição entre a moda feminina e masculina (a primeira elaborada e vistosa, a segunda desprezada e sombria) é quase inexistente nas zonas rurais. As fotografias em apreço retratam uma família do interior paulista onde a moda tinha uma importância muito pequena.

Por fim, o Prof. Roger Bastide, presidente da banca, passa a inquirir. — Lembra primeiro à candidata que, embora não faça referências, existe também moda entre primitivos e selvagens. — À página 84, diz a tese que a moda, que antes era ditada pelo público, no século XX é ditada pelos costureiros; os sociólogos afirmam o valor da economia no terreno da moda, mas não será esta asserção uma colocação indevida do público em segundo plano? — O ritmo da mudança da moda se explica pelas classes sociais, pela divisão sexual, ou pela saciedade (lei psicológica); a candidata parece hesitar entre a primeira e a última das explicações. — A moda, segundo a candidata, é uma realização completa da mulher; como então falar que a mulher, na sociedade, compõe uma máscara e que sua elegância é construída? Máscara e construção são artificios e não realizações. — Quanto ao papel de fuga da festa, havendo como que um apagar das leis sociais dentro dela, há aqui um quíproquó: as leis parecem se apagar, mas continuam presentes e em funcionamento. Deplora o arguidor que a examinanda não tenha estudado mais profundamente o papel da morfologia social na festa. A circulação das elites, por exemplo, a que ela se refere, não era geral e sim restrita, mesmo na festa, durante a qual parece haver um afrouxamento das barreiras; os salões, na verdade, se escalonavam conforme as camadas sociais e sua penetração era difícil.

A Licenciada Gilda de Mello e Souza replica que o conceito de moda que adotou — o de Steinmetz, — colocou selvagens e primitivos completamente fora da questão. — Sua afirmação da página 84 não está bem expressa e, se fosse refazer a tese, talvez desse menos importância à função econômica da moda, mesmo em relação ao século XX. Steinmetz afirma que é o público o responsável pelas mudanças da moda e a candidata concorda; longe de serem provocadas pelo costureiro, são nocivas a ele, podendo provocar enalhes de mercadorias e obrigando os criadores a uma procura ininterrupta de novas formas e novas cores. Logo, em "L'Art et la vie sociale", acentua a importância do fator econômico, tentando demonstrar como o costureiro é todo-poderoso, acelerando o ritmo das variações, impondo ao público o modelo que ideou e que está muitas vezes em contradição com a situação econômica geral. Mas o esteta francês, noutra obra, se contradiz, ao dizer que o criador de arte nada mais faz que responder a uma necessidade que a ele pré-existe; portanto, segundo Lalo, quando o costureiro lança um estilo, estaria na verdade servindo ao público e agindo como um falso criador. O que há realmente é uma colaboração estreita entre o público e a alta costura, na qual o elemento mais poderoso talvez seja o público.

Na explicação do ritmo das mudanças, na moda, diz a examinanda que talvez tenha se inclinado um pouco para a psicologia; convém, porém, lembrar sempre que a moda é um fenômeno de fronteira entre a sociologia e a psicologia, o que possibilita e exige duas explicações. — Concorde em que há oposição entre moda-realização da mulher e moda-criação e composição de máscara. — Quanto à festa, não quis aprofundar nela o papel da morfologia social

por achar que o problema era por demais complexo, exigindo seu tratamento uma atenção e minúcia que talvez desequilibrassem o plano da tese. Não ignora a examinanda que existe uma hierarquia nos salões — o seu objetivo, contudo, foi mostrar como a reunião mundana da elite desempenhava um papel na reestruturação das camadas e na solidificação das posições adquiridas, incorporando definitivamente aos seus quadros aqueles indivíduos que, durante a festa, se mostram dignos dela.

Congratulando-se com a examinanda pelo brilho com que se defendera e pelo indiscutível valor de sua tese, o presidente da banca deu por encerrada a sessão.

### MARIA ISaura PEREIRA DE QUEIROZ.

#### DEFESA DA TESE DE LIVRE-DOCENCIA A CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL NA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO, PELO LICENCIADO DR. PEDRO MOACYR CAMPOS

Em novembro de 1950 defendeu tese para obter o título de Livre-Docente da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o Licenciado Dr. Pedro Moacyr Campos, tendo sido aprovado. Compunha-se a banca examinadora dos professores E. Simões de Paula (presidente), Alfredo Ellis Júnior, titulares, respectivamente, das cadeiras de História da Civilização Antiga e Medieval e História da Civilização Brasileira da referida Faculdade; Eremildo Luiz Viana, catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; G. D. Leoni, professor de História Antiga da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Pontifícia Universidade de São Paulo e Fritz Pinkuss, professor do Curso Livre de Hebraico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e rabino nesta Capital.

O candidato apresentou um trabalho sobre *A Idealização de Roma e sua Aceitação pelos Cristãos*, de 215 páginas datilografadas e dividido pelos seguintes capítulos: As correntes de prognósticos referentes a cidade de Roma no início da época de Augusto; Roma como corporificação do mal na literatura sibilina e apocalíptica; Roma como entidade do bem na época de Augusto; Roma perante os estoicos e os cristãos; Roma e os autores cristãos no século IV; e, finalmente, conclusão e bibliografia. A comissão examinadora reconheceu unanimemente os méritos do referido trabalho e as objeções a ele feitas nunca foram de molde a comprometê-lo.

Iniciando a arguição, o prof. G. D. Leoni disse que o candidato incorria em grande perigo, pois se esqueceu ou, talvez propositadamente, não quis aproveitar-se de alguns fatos puramente históricos que melhor poderiam explicar certas questões concernentes ao seu trabalho. Assim é que, por exemplo, quando falou da idéia da eternidade de Roma em Virgílio, passou por alto sobre fato importantíssimo referente ao poeta: se ele, Virgílio, seria voz isolada ou porta-voz de uma elite, isto é, se somente recebia influências do círculo de Mecenas ou se a ele estava perfeitamente integrado. Notava também a falta de alguns esclarecimentos históricos relacionados com a questão das perseguições romanas contra os cristãos quando o candidato falava na "... ameaça constante que pesava sobre os adeptos do Cristianismo, em virtude da existência da corrente tradicionalista romana que, renovada pelos esforços restaurado-

res de Augusto e de seu círculo, devia ser permanentemente contra a infiltração de novas religiões no mundo romano e, portanto, contra o Cristianismo". Além disso, fôz estudo mais pormenorizado para melhor resolver o controvertido problema da 4.<sup>a</sup> égloga de Virgílio. Estudo minucioso e profundo da paz de Brindisi, por exemplo, não traria maiores luzes ao assunto?

Prosseguindo, achou o prof. Leoni que o candidato corria grande risco ao confiar demasiadamente nas referências de caráter puramente literário. Assim, o carne de Catulo, citado à página 74, seria efetivamente a manifestação da idéia que o poeta fazia do seu tempo? Não seria melhor dizer que se tratava de uma lembrança de tipo alexandrino?

Concluindo, disse o referido examinador que o trabalho carecia de estudo mais desenvolvido do mundo grego e que as conclusões do mesmo eram apenas simples volta ao que já tinha sido analisado.

Com a palavra, o candidato respondeu que o seu arguidor não objetivara as suas objeções. Não concordou que o seu trabalho se ressentisse da falta dos que foram chamados fatos puramente históricos. É que, ou os considerou como sabidos e conhecidos, principalmente quando os mesmos não tinham interesse, senão indireto para a sua tese e, neste caso, preferiu não mencioná-los, não perdendo tempo assim com esclarecimentos inúteis; ou os citou nas bases das páginas quando apresentavam real contribuição para melhor afirmar o tema que vinha desenvolvendo. Quanto às dúvidas suscitadas pelo prof. Leoni esclareceu que, inicialmente, Virgílio era voz isolada mas, à medida que ia se integrando no círculo de Mecenas, foi se transformando em porta-voz de uma elite; que os romanos consideravam o Cristianismo como seita mais de caráter subversivo do que propriamente religioso, daí a sua perseguição, pois eram tolerantes para com as outras religiões; e que, finalmente, não fêz estudo minucioso da paz de Brindisi dada a sua inutilidade: o que interessava não era propriamente a paz de Brindisi mas sim, simplesmente a paz e a aspiração à mesma, pois as populações estavam esgotadas com os constantes conflitos e conseqüências advindas dos mesmos, isto é, insegurança, crises econômicas, etc.

Concordou em parte com o examinador no que se refere ao carne de Catulo. Aceitou a influência alexandrina mas argumentou que, apesar dessa influência, o tema desenvolvido pelo poeta estava em perfeita harmonia com a sua época.

Continuando disse o candidato que não se preocupou com o estudo mais desenvolvido do mundo grego pois isto o levaria a interessar-se por Bizâncio, o que estaria fora do plano da sua tese, que diz respeito mais ao mundo romano ocidental. Finalmente, não concordando com as críticas feitas às suas conclusões, esclareceu que as mesmas eram partes que revelavam a preocupação constante da permanência do assunto e que sempre lhe davam oportunidade para reafirmar problemas importantíssimos, já tratados anteriormente.

O prof. Pinkuss reconheceu as dificuldades, principalmente as de ordem bibliográfica, que o candidato teve ao elaborar o seu trabalho. Propôs uma objeção e uma questão. Não concordou com o examinando quando no capítulo sobre "As correntes de prognósticos referentes a cidade de Roma no início da época de Augusto", disse que o salmo II. — cuja autoria se atribuía a Salomão, "graças ao gosto da época, que fazia com que se desse às obras recentes um ilustre patrono antigo" — foi composto provavelmente pouco depois do ano 48 a.C. Na realidade, o assunto é muito controvertido, pois inúmeros autores (na maioria alemães), fazem recuar a data da composição do referido salmo para 200 ou 300 a.C., enquanto que outros acreditam ter sido efetuada a sua redação final por ocasião da entrada dos romanos na Judéia. O examinador acredita que a composição desse salmo deve ser de data recente, muito embora o seu estilo literário dificilmente permita tal interpretação.

Por fim o prof. Pinkuss perguntou a respeito das relações entre Roma e a Judéia. Quis saber do candidato se ele acreditava que essas relações se processavam na base de um clima de ódio mútuo.

Respondendo, o candidato contestou a objeção proposta, pois pensava ter o seu examinador cometido um engano. Este toniou os salmos de Salomão como se fossem os salmos canônicos de Davi, resultando assim impossibilidade de concordância.

No tocante à questão proposta explicou o candidato que nem sempre as relações entre Roma e a Judéia se processavam na base do ódio. Referiu-se às inúmeras famílias romanas judaizantes e ao caso de Popéia, mulher de Nero, que pertencia também ao círculo judaizante. Todavia, a partir principalmente da guerra de 70 d.C. o ódio tomou papel predominante nessas relações, havendo mesmo tremenda reação contra o proselitismo judaico que abatia a moral romana.

Seguiu-se na arguição o terceiro examinador, prof. Eremildo Luiz Viana. Criticou a bibliografia utilizada, onde não encontrou as obras de Duchesne, Cicotti e de Marrou, principalmente deste último, cujo livro sobre a história da educação na antiguidade, considerava de importância capital para o trabalho do examinando.

Pedi também o prof. Eremildo uma série de esclarecimentos. Perguntou se o candidato concordava com a citação que fez de Tito Lívio onde o historiador latino diz que Camilo conquistou Veios. Quis saber porque Virgílio manteve concepção diversa da de Políbio com relação à idéia de Roma. Por que Horácio foi convertido ao regime de Augusto? Influenciado pela paz de Brindisi? Finalmente, se não há diferença entre Horácio e Virgílio quanto à idéia da eternidade de Roma.

Com a palavra, o candidato discordou da maneira pela qual foi a sua bibliografia criticada. Disse que os livros mencionados pelo seu examinador não tinham importância alguma para a sua tese, daí os ter repellido. O mesmo acontecia com o citado livro de Marrou. Reconheceu algumas falhas da sua bibliografia, citando obras que não puderam ser consultadas, embora importantíssimas e que, não foram lembradas pelo seu arguidor. Algumas dessas obras não foram encontradas no país e outras apareceram mui tardiamente, quando já tinha concluído e entregue o trabalho à comissão examinadora afim de que fosse julgado.

Atendendo aos pedidos de esclarecimentos do prof. Eremildo, confessou o candidato que se mostrava surpreso quanto à citação de Tito Lívio. A opinião é do historiador latino e não sua, não a endossando, portanto. Explicou que Virgílio e Políbio tinham concepção diversa sobre a idéia de Roma devido a diferença das suas personalidades: um era poeta e de alma subjetiva enquanto que o outro foi político e historiador que se caracterizava pela objetividade das suas observações e pensamentos. Concluindo, esclareceu que a conversão de Horácio ao regime de Augusto e o problema da diversidade de concepção sobre a idéia de Roma entre esse poeta e Virgílio eram explicados no seu próprio trabalho.

O quarto examinador, prof. Alfredo Ellis Júnior, louvou os dotes de imaginação do candidato, embora, às vezes, se excedesse no seu emprêgo. Propôs o prof. Ellis diversas objeções: criticou o trabalho pela sua falta de aspectos didáticos; não concordou com o candidato por ter chamado Tito Lívio de grande historiador; censurou o abuso das citações bibliográficas, principalmente do livro de Daniel, em quem o candidato confiou demasiadamente, mas que na realidade não merecia crédito algum e nem era mesmo digno de ser citado, pois era apócrifo e excessivamente interpolado. Finalizando as suas objeções, o prof. Ellis chamou a atenção do examinador para Filon de Alexandria, autor não citado e que talvez trouxesse grande contribuição para o seu trabalho.

Novamente com a palavra, o candidato não aceitou nenhuma das críticas que lhe foram feitas. Quando elaborou o seu trabalho não se preocupou com o aspecto didático, pois a natureza do mesmo não era de livro didático; disse que variava muito o conceito de historiador e que Tito Lívio foi grande historiador no seu tempo, quando se tinha concepção de história bem diversa da dos nossos dias; acreditou ter usado das citações bibliográficas na dosagem



suficiente para o esclarecimento e apóio dos pontos de vista desenvolvidos e defendidos no seu trabalho; esclareceu também que não é pelo simples fato de um documento ser apócrifo, caso do livro de Daniel, que ele não deva ser considerado como fonte preciosa para o historiador e não mereça ser citado; e se houver interpolações nesse documento, talvez tanto melhor, pois assim teríamos maior número de dúvidas e de problemas e, conseqüentemente, possibilidades de maiores esclarecimentos, quando o pesquisador tentar resolvê-los. Finalizando, também não esqueceu de Filon de Alexandria, citado em base de página e que oferecia grande contribuição a sua tese.

O último examinador foi o prof. E. Simões de Paula, de quem o candidato é assistente. Propondo algumas questões, o prof. Simões de Paula indagou do candidato: se havia nitida idéia do término do mundo antigo com a invasão de Roma por Alarico? se apenas os judeus reagiram à assimilação romana? que fim levaram os livros sibílinos? qual a sibila mais antiga, se a judaica ou se a grega? que poderia dizer a respeito da assimilação do helenismo por parte dos judeus? e, finalmente, qual a razão de aparecer somente nas conclusões o nome de Arnóbio?

Respondendo, o candidato disse que as populações cristãs tiveram consciência do término do mundo com a invasão de Roma por Alarico, conforme se pode verificar em São Jerônimo. O mesmo, no entanto, não se deu com relação às populações pagãs: estas, logo após a queda da cidade (cfr. Rutilio) se esqueceram do fato, considerando a referida invasão como apenas simples atrevimento do chefe visigodo. Passando à questão seguinte, o candidato explicou que além dos judeus também os partas reagiram à assimilação romana. Esses, todavia, não foram estudados, pois estavam localizados fora dos limites do Império e, conseqüentemente, fora também do plano do seu trabalho. Quanto ao fim dos livros sibílinos, esclareceu que os judeus chegaram até nós, embora muito mutilados; os greco-romanos desapareceram, talvez destruídos por Estilício, conforme testemunho de Rutilio. Informou também que a sibila grega é mais antiga que a judaica. Sobre a assimilação do helenismo por parte dos judeus disse que a mesma foi apenas formal, citando em abôno do seu ponto de vista Filon, que sempre continuou a ser judeu, e Flávio Josefo, que era helênico na forma mas judeu no fundo. Concluindo, o candidato informou que a contribuição de Arnóbio para a sua tese era pouco significativa, daí aparecer somente nas conclusões como simples referência adicional.

**ALDO JANOTTI.**

### SOCIEDADE DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Realizou-se a 17 de abril p. passado a primeira reunião, no corrente ano, da SOCIEDADE DE ESTUDOS HISTÓRICOS, especialmente convocada para a deliberação de diversas medidas de natureza administrativa determinadas pelos Estatutos. Entre outras, a eleição da diretoria para 1951, que assim ficou constituída: Presidente — E. Simões de Paula; Secretário — Odilon Nogueira de Matos; Tesoureiro — Aldo Janotti; Comissão Consultiva — Astrogildo Rodrigues de Melo, Eduardo d'Oliveira França e João Cruz Costa.

Os Estatutos, já devidamente registrados no Cartório Arruda, em 16-2-1951, sob o número 3.491, foram assinados pelos seguintes sócios, em número de 53, os quais, de acôrdo com o art. 31, são considerados "sócios fundadores" da Sociedade: Aldo Janotti, Alfredo Ellis Júnior, Alice P. Canabrava, Amélia Americana Domingues de Castro, Antônio Cândido de Melo e Souza, Antônio Rocha Pentecado, Aroldo de Azevedo, Astrogildo Rodrigues de Melo, Aziz Nacib

Ab'Sáber, Boanerges Ribeiro, Branca da Cunha Caldeira, Caio Prado Júnior, Charles Morazé, Deusdã Magalhães Mota, Edna Chagas Cruz, Eduardo Alcântara de Oliveira, Eduardo d'Oliveira França, Eduardo Vilhena de Moraes, Emile G. Léonard, Euripedes Simões de Paula, Francisco Isoldi, G. D. Leoni, Gilda Maria Reale, Hélio Cristófaró, Higinio Aliandro, Isaac Nicolau Salum, João Cruz Costa, José Aderaldo Castelo, José Francisco de Camargo, José Querino Ribeiro, José Ribeiro de Araujo Filho, Laerte Ramos de Carvalho, Lince Schutzer, Livio Teixeira, Mafalda P. Zemelia, Manoel Nunes Dias, Maria Celestina Teixeira Mendes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Mário Wagner Vieira da Cunha, Myrian Ellis, Nice Lecocq Müller, Nícia Vilela Luz, Odilon Araujo Grellet, Odilon Nogueira de Matos, Olga Pantalão, Pedro Moacir Campos, Raul de Andrada e Silva, Renato Silveira Mendes, Roberto J. Haddock Lobo, Rozendo Sampaio Garcia, Sérgio Buarque de Holanda, Silvia B. F. Dirickson e Thomaz Oscar Marcondes de Souza.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

\* \* \*